



Universidade Federal da Paraíba  
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes  
Departamento de Psicologia  
Bacharelado em Psicologia

**A Angústia em Eu Receberia as Piores Notícias dos Seus Lindos Lábios: Uma  
articulação entre a psicanálise e literatura**

José Henrique Galdino do Nascimento

**João Pessoa-PB  
Novembro de 2023**

José Henrique Galdino do Nascimento

**A Angústia em Eu Receberia as Piores Notícias dos Seus Lindos Lábios: Uma articulação entre a psicanálise e literatura**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia, pelo curso de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba

Orientador: Prof. Dr. Adriano Azevedo Gomes de León.

**João Pessoa-PB**  
**Novembro de 2023**

José Henrique Galdino do Nascimento

**A Angústia em Eu Receberia as Piores Notícias dos Seus Lindos Lábios: Uma  
articulação entre a psicanálise e literatura**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para a obtenção do  
título de Bacharel em Psicologia, pelo curso  
de Psicologia da Universidade Federal da  
Paraíba.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Azevedo  
Gomes de León.

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. Adriano Azevedo Gomes de León.  
Universidade Federal da Paraíba  
Orientador

---

Psi. Eva Maria Lins Silva Lima  
Universidade Católica de Pernambuco  
Examinadora

---

Jonas da Fonseca Santos  
Universidade Federal da Paraíba  
Examinador

*À Juliana,  
que me mostrou o livro ainda em 2016, por eu gostar de  
títulos bonitos. Devorei-o.  
Sem você, esse trabalho não existiria, assim como parte  
de mim que, por acaso, galgou cursar Psicologia.*

.

## Agradecimentos

Primeiro, a Deus, que sempre me concedeu as condições necessárias para que eu pudesse estar onde eu estivesse, me concedendo sua graça e cuidado, mesmo eu não sendo merecedor. Pelo seu amor a mim, incondicional.

Aos meus pais, Leonora e José. Por me darem o dom da vida. Por todo o apoio que me deram, do qual fui desfrutador, e amparado pelo o amor dos dois.

Aos meus queridos e inestimáveis amigos de curso, Beatriz Soares, Gilvan Júnior, Maria Eduarda, Yúren Costa. O nosso Dream Team. Para além de trabalhos acadêmicos. Obrigado por sempre se fazerem presentes e providenciais. Por me deixarem ser feliz com a psicanálise. Por me evocarem em cuidado, disciplina, amor, esforço e companheirismo, e por me inspirarem. Por não terem dúvidas quanto a mim. Por serem os meus amigos.

Ao Maurício Barbosa, à nossa amizade improvável. Por sermos a estrada. Por me dizer o que fazer, e eu não entender nada. Pelos almoços no RU, com peixes mutantes e conversas boas e leves. Por me permitir ser Djavan, mesmo enquanto era Rodrigo Amarante. Pelas tardes musicais. Grande amigo, obrigado.

À minha psicóloga Lhaís, por ter me provido mais que insights. Por ter sido essencial.

À minha dupla de estágio, Maria Gabriela, por ser uma profissional e pessoa incrível. Por ter sido parte responsável da leveza e aprendizados ao longo do estágio.

À Nathalia França, pelas discussões, conversas leves e vivências compartilhadas.

Ao meu orientador, Adriano de León, por acolher o meu tema, possibilitando que eu aprendesse mais. Por chamar minha atenção à psicanálise, ainda nas primeiras aulas de psicologia do curso.

Aos meus professores do curso de Psicologia, por construírem, cada um, os conhecimentos em mim, apreendidos.

À Isabel Vasconcelos, por me acolher. Por ser mais que a minha orientadora de estágio. Por sua empatia ímpar. Por ser o espelho de profissional admirável, de inúmeras qualidades extracurriculares que não caberiam no Lattes. Por me mostrar que eu era capaz.

Às minhas supervisoras de estágio, em especial, Livia Candice. Por ter propiciado as minhas evoluções, sobretudo, aquelas que não podem ser descritas num prontuário.

À Gisele, por ter me ensinado que é uma escolha. Por ser assertiva, me mostrando sempre o (im)possível das coisas. Por atravessar-me nessa jornada, fazendo-a ser única como foi, deixando por escrever comigo os capítulos posteriores. Com seu amor, por ter me aproximado de quem eu devo ser, sou grato. Obrigado.

*“Enquanto as ruas pegam fogo, é difícil escrever sobre o amor.”*  
*(Contardo Calligaris)*

*“Os livros sabem de cor  
milhares de poemas. (...)”*  
*m, de memória. Toda Poesia. p. 226 (Leminski)*

**Resumo:** O presente trabalho trata-se de uma compreensão psicanalítica da obra *Eu Receberia as Piores Notícias dos Seus Lindos Lábios*, do escritor brasileiro Marçal Aquino. A psicanálise tem um caso estreito com a arte e a literatura, dessa última, constitui-se aqui como maneira de acessar fundamentos psicanalíticos, apreende-los, bem como, conhecimentos que a literatura pode veicular. Nessa feita, procurou-se articular os conceitos de angústia em psicanálise, com as conceitualizações históricas de Sigmund Freud e Jacques Lacan, tendo como escopo principal, examinar a história da personagem Lavínia, situada no livro, onde é possível, por uma ótica psicanalítica, implicar uma análise dessa personagem, situando um possível caso clínico da mesma; sua infância, seus conflitos internos, vivenciais, e suas transformações ao longo da narrativa, ilustrando a complexa interação entre o indivíduo, a sociedade e outros agregadores da trama.

**Palavras-chave:** Psicanálise; angústia; literatura; desamparo.

**Abstract:** This work involves a psychoanalytic understanding of the novel *Eu Receberia as Piores Notícias dos Seus Lindos Lábios* by the Brazilian writer Marçal Aquino. Psychoanalysis has a close relationship with art and literature, the latter, serving as a means to access psychoanalytic foundations and to apprehend them, as well as the knowledge that literature can convey. In this context, it sought to link the concepts of anguish in psychoanalysis with the historical conceptualizations of Sigmund Freud and Jacques Lacan, its primary scope was to examine the story of the character Lavínia, situated in the novel. Through a psychoanalytic lens, it implies an analysis of this character, positioning a possible clinical case of the same – her childhood, internal and experiential conflicts, and transformations throughout the narrative. This illustrates the complex interplay between the individual, society, and other elements within the plot.

**Keywords:** Psychoanalysis; anguish; literature; helplessness.

## Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>10</b>
Sobre a obra.....	10
Sobre o autor.....	11
A psicanálise em sua importância conceitual-teórica e histórica.....	11
<b>Desenvolvimento.....</b>	<b>15</b>
A angústia em Sigmund Freud.....	15
A angústia em Jacques Lacan.....	19
Angústia em Eu Receberia as Piores Notícias dos Seus Lindos Lábios.....	21
Do romance.....	21
Lavínia.....	22
Infância e desenvolvimento.....	22
Sexualidade e negligência.....	25
Dinâmica familiar; transformação a partir das vivências.....	28
<b>Considerações finais.....</b>	<b>32</b>
<b>Referências.....</b>	<b>34</b>

## **Introdução**

### **Sobre a obra**

Em *Eu Receberia as Piores Notícias dos Seus Lindos Lábios (ERPNSLL)*<sup>1</sup>, o escritor Marçal Aquino retrata a história de personagens que sofrem com as lembranças de suas histórias, narradas a partir de flashes de memória, quando se reúnem em conversa, numa pensão. Assim como em outras obras brasileiras, o livro também traz recortes interessantes de acontecimentos históricos brasileiros, como a corrida do ouro no Pará, onde o livro é situado, momentos de conflito entre garimpeiros versus donos de garimpo, que também têm papel determinante no desenrolar da história, bem como a violência, parte da narrativa, situada em muitos momentos.

A trama é contada sob o ponto de vista de uns dos personagens principais, Cauby, um jovem fotógrafo paulistano, que levava uma vida estável com a fotografia, mas decide largar e ir morar no interior do Pará, passando a atuar como o único fotógrafo de uma cidade pequena do estado, fazendo bicos para um jornal local. É também narrado por um narrador onisciente que nos deixa a par dos acontecimentos. O enredo se desenrola com flashes de memória não-lineares contados entre os personagens, uma vez com o narrador-personagem Cauby, outra com um narrador onisciente.

A história desenvolve-se logo no início das primeiras páginas com a chegada de Lavínia, a outra personagem central do livro; uma ex-prostituta e agora dona-de-casa, que surge como uma mulher fascinante aos olhos de Cauby. Lasciva ao mesmo tempo que vulnerável, com bruscas mudanças de humor e desaparecimentos. Lavínia é casada com Ernani, o pastor da cidade, que a tirou das ruas e das drogas. O romance de Cauby e Lavínia é marcado por poesia, cenas tórridas de amor, e que, de antemão, sinalizado: fadado ao fracasso. É possível afirmar, em primeiro momento, que ERPNSLL é um romance sobre

---

<sup>1</sup> Doravante designado como ERPNSLL.

amor e suas devidas vicissitudes, sobretudo, como descrito, trataremos sobre angústia seus desdobramentos – que se mostram como operadores da construção da narrativa, permeando os personagens, em específico neste trabalho, a personagem Lavínia.

### **Sobre o autor**

Marçal Aquino (1958–) é um jornalista, redator, escritor e roteirista de cinema brasileiro. Foi redator e revisor no Jornal da Tarde e n’O Estado de S. Paulo, atualmente trabalha como freelancer, publicando textos em diversos veículos de comunicação.

Como roteirista, em destaque, de acordo com o site *Internet Movie Database* (IMDB)<sup>2</sup>, veículo especializado em registrar informações técnicas da indústria cinematográfica, escreveu os roteiros dos filmes *O Invasor* (2002); *O Cheiro do Ralo* (2006); *Ação Entre Amigos* (1998), entre outros. Não obstante, para televisão, escreveu e roteirizou séries como *Força Tarefa* (2009); *O Caçador* (2014); *Carcereiros* (2017), entre outros, além de adaptar suas próprias obras e roteirizar obras de outros autores brasileiros.

Se tratando de seus romances e contos, há destaque para as obras, a seguir: como autor, Marçal Aquino recebeu o Prêmio V Bienal Nestlé de Literatura em 1991 com a obra *As Fomes de Setembro*. No ano de 2000, foi agraciado com o tradicional Prêmio Jabuti por *O Amor e Outros Objetos Pontagudos*. Publicou em 2003, duas obras: *Cabeça a Prêmio e Famílias Terrivelmente Felizes*. Em 2005, escreveu *Eu Receberia as Piores Notícias de Seus Lindos Lábios*. Em 2021, após um hiato literário, retornou à cena literária com *Baixo Esplendor*. Além de ter produzido obras infantojuvenis, poemas e publicações no exterior.

### **A psicanálise em sua importância conceitual-teórica e histórica**

Primeiramente, é necessário que se faça compreender a irrepreensibilidade em que a psicanálise, em sua essência, desde Sigmund Freud, tem como uma de suas principais

---

<sup>2</sup> IMDB. Disponível em: <https://www.imdb.com/name/nm0032645>

implicações. Quiçá, em sua concepção inicial, a psicanálise, não exatamente tenha sido concebida com a mesma intencionalidade: como responsabilidade ético-política, como se pode atestar atualmente (Besset, et al. 2007), mas sempre se voltou para problemas decorrentes do mal-estar na cultura e na civilização, buscando criticamente, implicar e compreender os fenômenos com sua pesquisa teórico-conceitual e com a prática clínica de suas demandas.

A exemplo disso, podemos nos situar que Freud reconhece na histeria, sobretudo na histeria designada feminina – fato este que marca o nascimento da psicanálise, escrito com Josef Breuer, em *Estudos sobre a histeria* – uma maneira de lidar e explicar, o que mais tarde se caracterizaria como nos é conhecido atualmente, denominando-o como o fenômeno da castração, ao substituir uma satisfação sexual, pelo recalque da pulsão, e sendo uma vez imerso, desponta o que jazia submerso: as representações dos sintomas. (Breuer & Freud, 1893-1895).

A respeito da histeria feminina, é válido que se faça lembrar, que ao falar desses sintomas e perspectivas de uma psicopatologia somática, e próprias desse tempo, retomamos à recordação dos fatos do dito comum, como era caracterizado à época, das “mulheres históricas”, atravessadas por seus sintomas clássicos desse período, como paralisias musculares, afasias, convulsões, cegueira, dentre outras somatizações.

Freud sob as seguintes referências: *Estudos sobre a histeria* (1893-1895); *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996), reconhece nessas mulheres, os sinais de seu tempo quando situa que toda a educação dada às mulheres, é acompanhada de uma repressão sexual, quando comparado aos homens. Fato este que Freud não considera sendo o suficiente para definir a histeria proferida, dado que, se considerássemos apenas esse ponto, tornaria lícito implicar que a “licença” sexual das mulheres contemporâneas trouxe alívio às problemáticas sexuais observadas atualmente, ao qual não se prolongará esse trabalho, mas

não é isso que se revela o trabalho da clínica psicanalítica a partir e depois de Freud.

Além disso, Freud, sempre propôs que a psicanálise fosse um método viável de ser utilizado como proposta de saúde para a população geral, assim como seria desejante que estivesse presente nas instituições públicas, e reconhecendo também que, posto isso, seria necessária uma certa adaptação (Freud, 1919/1996).

Machado & Ravello (2014) traz que a angústia, em toda a produção bibliográfica psicanalítica, é um dos conceitos pilares da abordagem, sendo fundamental, e, constituidamente, importante e diverso, ao que nos aprofundaremos mais à frente no texto.

Dentre as muitas atribuições possíveis, não obstante, o conceito de angústia é presente desde as origens dos estudos psicanalíticos, ao mesmo tempo, pode ser situado no cerne dos fenômenos psíquicos investigados por Freud. Muitas vezes, no aspecto do manejo clínico, tal conceito serve como indício para as construções da análise, bem como é tomado como um guia da interpretação ao apontar para a verdade do sujeito.

Com toda esta importância que ocupa no campo da psicanálise, o estatuto conceitual da angústia não foi fechado, nem por Freud, que estabeleceu duas teorias da angústia, nem por Jacques Lacan, autor que propõe um retorno à Freud, ao qual se falará posteriormente. De modo consequente à posterior explanação dos conceitos de angústia em Freud e Lacan, o objetivo do trabalho não é se implicar em estabelecer qual o conceito mais vindouro ou completo da teoria da angústia, mas sim trabalhar historicamente os conceitos de angústia nesses autores.

Além disso, é visto que a temática sobre a angústia, assim como disposto anteriormente, sendo correlacionada diretamente ao cerne dos fenômenos psíquicos, têm sido incluída em publicações nos campos da psicologia, psicopatologia e psicanálise. Isso se faz

notório, com publicações em diversos embasamentos teóricos e epistemológicos, sendo o conceito correspondendo-se com diversas conexões.<sup>3</sup>

Contemporaneamente, é importante ressaltar a maneira de diagnosticar os transtornos mentais atualmente, instituídos pela Associação Americana de Psicologia, a APA, instituição que rege, junto com os determinados conselhos nacionais instituídos, o fazer psicológico em suas diversas aplicações. Tal método se dá a partir do uso do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), para uso específico de psicólogos. Já o CID, em sua décima primeira versão: CID-11 (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde) destina-se para a classe médica, em termos de diagnóstico e referência teórica psicopatológica.

Em sua primeira versão, posto a necessidade de sistematizar os diagnósticos referentes às psicopatologias, de modo que houvesse um consenso terminológico entre as várias especialidades (Martinhago & Caponi (2019), a APA, em 1952, publica a primeira versão do DSM: o DSM-I, que atualmente se encontra em sua quinta versão, o DSM-V-TR.

Nesse contexto, o que se pode articular é que, em sistemas atuais e modernos, como o DSM, a angústia seria colocada como por “Transtornos de Ansiedade”. Assim, os transtornos de ansiedade, como ataques de pânico, ansiedade generalizada e agorafobia, descritos em seus devidos critérios diagnósticos na APA (2014), poderiam pensar nessas como semelhantes ao que Freud (1893/1895) estabeleceu no quadro da neurose de angústia, o aspecto da intensidade, assemelham-se aos sinais da angústia, ao que Pereira (2008) cita que, através do ataque de pânico, o sujeito busca, de alguma forma, tornar apreensível no plano psíquico a experiência inominável do desamparo.

Diante disso, com seu constante exercício, que envolve sua reinvenção no caso a caso,

---

<sup>3</sup> (1) Angústia, Pânico e Desamparo: (André, 2001); (Besset, et al., 1999); Costa & Queiroz (2011); (2) Angústia e pulsão de morte: (Lourenço, 2009); (3) Angústia e desejo: (Lustoza, 2006); Viola & Voracaro (2011) (4) Angústia e objeto a: (Levy, 2004); (5) Angústia e clínica: (Dantas, et al., 2009); Pisetta, 2008a), (6) Angústia e sexualidade: Dalcol & Palma (2011).

numa abertura para o inesperado (Brezolin & Carneiro, 2022), a psicanálise aponta para esta temática, contribuindo para a discussão das novas formas de mal-estar nas subjetividades e os desafios impostos por elas à clínica psicanalítica.

## **Desenvolvimento**

### **A angústia em Sigmund Freud**

Como colocado anteriormente, a angústia é um conceito intrínseco na investigação psicanalítica; e desde sua pré-concepção, com as correspondências de Freud a Fliess, buscava-se compreender, à época, a denominada “neurose de angústia” – é parte das primeiras reflexões propriamente psicanalíticas de Freud, onde delimitou esse quadro psicopatológico, caracterizando-o em quatro fatores que culminariam esse tipo de neurose: (1) o esgotamento devido às formas de satisfação anormais; (2) a inibição da função sexual; (3) afetos concomitantes a essas práticas, (4) traumas sexuais anteriores ao início da idade da compreensão (Freud, 1895/1976).

Posteriormente, correlaciona-se a neurose de angústia à tensão sexual, sendo a neurose de angústia, como consequência de uma tensão sexual física sem uma ligação psíquica, com isso, se daria a transformação dessa mesma tensão em angústia, ou seja, nesse primeiro momento, é teorizada como um afeto que concerne em relação do recalque, como um produto deste último. A angústia aparece vinculada ao recalque, quando é assimilada como uma emergência do sujeito sob o recalque. (Caropreso & Aguiar, 2015).

Ainda sobre essa primeira definição de angústia sendo construída por Freud, James Strachey (1887-1967), autor responsável por traduzir Freud para o inglês, cita que Freud estava intuindo, escrevendo e utilizando vocábulos, pela primeira vez, propriamente ditos “psicanalíticos”. (Strachey, 1895/1976).

Sob o mesmo referencial, é apresentado que a neurose de angústia, por sua vez, surgiria como uma reação a uma excitação endógena – Freud ainda buscava localizar os fenômenos que estudava em níveis estruturais<sup>4</sup> – sob a não possibilidade, ou falha na tentativa de equilibrar, o que seria uma excitação sexual que se manifesta internamente, ela seria projetada externamente. Como já falado, essa excitação endógena que produz angústia, que não pôde ser adequadamente descarregada ou que não encontrou descarga no campo psíquico, é a angústia neurótica, pensada como a libido sexual transformada.

Freud buscava uma correspondência orgânica para o aparelho psíquico, que implicava numa base fisicalista do entendimento. Com a ruptura dessa busca de entendimento, passou a conceber uma epistemologia própria, pela qual é reconhecida e caracterizada a psicanálise: a metapsicologia. Autores como, Assoun (1983) nos cita que a reconstrução exaustiva do edifício metapsicológico é o que possibilitaria a elucidação dessa identidade. Ainda é possível lembrar da analogia que Freud faz dos sítios histórico-arqueológicos de Roma, com os “sítios da psique”: nada nos é jogado fora, mas reconstruídos a partir de um referencial (Freud, 1930/2010).

Em *Inibição, sintoma e angústia* (1926), Freud designa uma última definição quanto a angústia, ainda não abandonando de fato, a primeira teorização, e, cita o seguinte:

“(…) o estado de angústia é a reprodução de alguma experiência que reuniu as condições para um aumento do estímulo como o assinalado e para a descarga por determinadas vias, em virtude do qual também o desprazer da angústia recebeu o seu caráter específico. No caso dos seres humanos, o nascimento oferece uma experiência prototípica desse tipo e, por isso, nos inclinamos a ver no estado de angústia uma reprodução do trauma do nascimento”. (Freud, 1926/1975, p. 133).

Sob o referencial supracitado, o autor argumenta, regido ainda sob as primeiras

---

<sup>4</sup> Quando criou a Primeira Tópica, Freud elaborou uma divisão topográfica da mente entre os níveis consciente, inconsciente e pré-consciente. Em um segundo momento, Freud desenvolveu a Segunda Tópica, a partir da qual ele estabeleceu uma segunda divisão nas seguintes instâncias psíquicas: o id, o ego e o superego.

formas da qual a psicanálise se formou e se amparou em seu início – o escopo etário do sujeito, desde seu nascimento até um pouco mais à tenra infância –, onde associa e fala sobre o "perigo" do nascimento como questão. Isso diz respeito à teorização da economia psíquica, ao qual postula que os processos psíquicos estão relacionados à circulação e distribuição de energia, estando e sendo suscetível a adições, declínios, equivalências; ditando a transformação da energia (a nível estrutural) pela descarga ou não, na elaboração de experiências. Esse sujeito, que, ainda não possui conteúdo psíquico formado, recém-nascido, seria capaz de perceber apenas uma enorme perturbação econômica, e a partir disso, tal afeto de angústia voltaria a emergir em situações que lhe remetesse essa experiência traumática primária.

Outrossim, essa ameaça possível, iminente, que causa excitação endógena, dado o exemplo em que o sujeito provaria, em ocasiões posteriores, por exemplo, uma situação na qual se encontrasse impotente para dominá-las, seria sinalizada como "perigo" em analogia à experiência de seu nascimento. Podemos dizer que essa concepção da angústia, rememora as hipóteses que Freud havia elaborado, ainda em 1895, acerca da vivência de dor e do afeto.

Dunker (2006), afirma que para situar a diferença entre as duas teorias até então, Freud “inverte” os termos da relação entre recalque e angústia. A angústia já não viria do efeito do fracasso do recalque, mas torna-se agora a causa do recalque.

Um dos exemplos trazidos por Freud para situar a angústia nesta segunda teoria, são os casos do Pequeno Hans (1909/1996) e Homem dos lobos (1918/1914), discutidos em *Inibições* para exemplificar os destinos da angústia. Segundo Vieira (2001), estes casos tornam-se essenciais para entender essas novas concepções sobre a angústia, o que o referido autor chama de: teoria psicanalítica do afeto.

Ao adentrarmos rapidamente sob a conceitualização, na fobia, a angústia teria a função de sinalizar o perigo de castração, não obstante, sinalizar o deslocamento do objeto

que desencadeia a angústia. Portanto, trata-se de um processo de deslocamento, ou formação substitutiva<sup>5</sup>, em que seria possível realizar a troca de um objeto por outro.

Em *Angústia e Vida Pulsional* (1933b/1996), Freud postula que haveria uma dupla origem da angústia, como consequência direta do momento traumático, e, como sinal que ameaça com uma repetição de um tal momento. A respeito disso, outra palavra-conceito surgiria para incrementar a conceitualização da angústia: o desamparo<sup>6</sup>. Falamos do desamparo, frente ao próprio nascimento do sujeito, a sua própria sexualidade, e o destino fatídico do ego de falhar em proteger o aparelho psíquico dos perigos pulsionais.

Deste modo, a também noção de desamparo na teoria freudiana, apresenta-se como elemento importante para a discussão do conceito de angústia. Por conseguinte, autores como Safouan (1989), trazem que a angústia situa os sujeitos em um “estado sem recursos”, onde, a angústia vivenciada face ao desamparo, não poderia ser considerada como um sinal endógeno com o objetivo de evitar o desprazer, porque dado essa circunstância, já estaria sendo experienciado pelo sujeito. Então, a angústia é caracterizada no princípio de toda defesa, não sendo um sinônimo para dizer que essas defesas são defesas para a própria angústia, pois a angústia é afeto da qual não se escapa. (Safouan, 1989).

Vieira (2001), traz que, a angústia constitui o afeto que faz referência ao desamparo no âmbito do aparelho psíquico, reproduzindo-a, não podendo ser reduzida a uma síntese de “descarga”.

Seja dito de passagem, como todo texto freudiano, tais postulados funcionam como um retrato ao modo como o autor estava delineando os conceitos fundamentais de seu pensamento, não cristalizando-as por completo, de modo que, ao longo das investigações

---

<sup>5</sup> Designa os sintomas ou formações equivalentes, através do qual o sujeito tentará obter uma satisfação que substitua aquela que foi recalçada; manifesta através dos atos falhos, chistes, etc. Em uma dupla acepção, convém: (1) econômica: o sintoma acarreta satisfação de substituição do desejo inconsciente; (2) simbólica: o conteúdo inconsciente é substituído por outros segundo determinadas linhas associativas. (Laplanche & Pontalis, 2001).

<sup>6</sup> De acordo com Pereira (2008), o desamparo em Freud se caracterizaria como o núcleo da significação da situação de perigo, e constituiria, como cerne da teoria da angústia, em compreensão deste afeto desenfreado que o constitui.

psicanalíticas, as ideias foram sendo reformuladas, fruto de análises posteriores mais aprofundadas.

Quanto a isso, autores como Jacques Lacan, propuseram um retorno à Freud, como um *continuum*. Com isso, os leitores da psicanálise – sejam psicanalistas, estudantes, curiosos – através da primeira visita em Freud; do “Primeiro Lacan”; bem como do “Último Lacan”, com o rearranjo de seus próprios seminários, encontrariam, ao retornar à gênese, um “Novo Freud”, onde se pode ter uma revisão de suas teorias.

### **A angústia em Jacques Lacan**

Em Lacan, podemos ver a angústia retratada como “afeto que não engana”, que é calcado no real, e que não pode ser capturado na malha significante. (Vasconcelos & Pena, 2019). Em seu décimo seminário, *livro 10: A angústia* (1962-1963) formaliza sua teoria do Objeto *a*, a seguir: O Objeto *a*, faz referência à falta, sendo a falta, segundo Lacan, não existindo no real e sendo apreensível somente através do simbólico, através do qual também – do simbólico e do imaginário – pode existir uma tentativa de preenchimento, nesses termos. Sendo assim, a função que o Objeto *a* assume é a de causa de desejo. O Objeto *a* é apreendido no desejo, como também no lado na angústia. Lacan, 1962-1963/2005).

A partir disso, vincula esse conceito à sua conceitualização da angústia: a angústia é sinal da relação do sujeito com certo objeto, o Objeto *a*. Da qual marca que, enquanto afeto, a angústia conserva-se sem lugar, não podendo ser recalcada, onde não existe objeto do desejo, e sim um objeto como causa de desejo. (1962-1963/2005).

Esse conceito vem depreender que o sujeito, constitui a imagem de seu desejo no Outro, porque é do lado do Outro que colocamos o que nos falta, e essa imagem, pressuposta, especular de nós mesmos, sendo colocada no outro, por conseguinte, por mais que a imagem

seja falaciosa por natureza, ela tem a função de orientar o desejo, organizando o sujeito em torno dessa imagem do eu. (Guedes, 2010).

Tal concepção vai distinguir, e apresentar um elemento reformulado da conceituação da angústia: o desejo é sustentado por meio da angústia construída a partir da falta do Outro. Esse desejo busca, na relação com o objeto, aquilo que se configura na relação com o Outro. Em Lacan, se tratando da prática clínica, dispõe-se que a angústia é o sinal do direcionamento da cura do paciente: é aquilo que é evitado ou repetido pelo sujeito, por exemplo; com relação ao seu desejo, é um afeto que não engana. (Castilho, 2007)

Se tratando da angústia de castração, apesar de ser possível senti-la no corpo, como um mal-estar propriamente dito, como Freud postula, o sujeito agora em Lacan, tem a proteção do elemento da fantasia, ainda não estando tão próximo assim do Objeto a.

E em relação à angústia de desamparo, o sujeito acaba por se aproximar demais do Objeto a, e o “véu da fantasia” torna-se mais translúcido, evoca-se numa estranheza para o sujeito: o atravessamento pelo real. (Machado & Ravello, 2014).

Quando a angústia toma o sujeito pelo atravessamento do desejo do Outro, ela rege a posição de objeto do gozo desse Outro, o que na proteção da fantasia, não se mantém. Se ainda mesmo na segunda teoria de Freud, em 1926, a angústia seria uma reação diante do perigo da perda de um objeto, como no Pequeno Hans, por exemplo, em Lacan (1962-1963), aponta um direcionamento de que a angústia não sinaliza uma falta – diz respeito à falta ou desamparo – onde colocado como apoio à falta, se dá como essa falta que faz com o que o sujeito deseja. A angústia, na análise, é guia, é um valor de índice do real, lê-se como a projeção para o eventual arranjo de uma ação do analista.

## **Angústia em Eu Receberia as Piores Notícias dos Seus Lindos Lábios**

### **Do romance**

Como nos cita Franco (2003), os operadores de leitura da narrativa se constituem como conceitos-chave para o desenvolvimento de uma análise e interpretação do material utilizado, onde se pode seguir diferentes linhas de teorias da literatura, a partir da metodologia que lhe forem pertinentes para o trabalho. Desta feita, é válido citar que ERPNSLL é dividido em quatro momentos, havendo somente essa distinção entre capítulos, dos quais os personagens se atravessam, e principalmente, contribuem para que os acontecimentos influenciem toda a trama por conseguinte. Dessa forma, segue-se:

Primeira parte (p.11-79) O Amor é Sexualmente Transmissível – onde temos um narrador-personagem, Cauby (1ª pessoa); Segunda parte (p.83-130) Carne Viva – sabemos da história através de um narrador agora apenas observador (3ª pessoa); Terceira e Quarta parte: (133-218); (221-229) Postais de Sodoma à luz do primeiro fogo e Poema escrito com bile – o narrador volta a ser o personagem Cauby. (Aquino, 2005).

O que se coloca neste trabalho, como possível caso clínico da personagem Lavínia, ao qual esse trabalho irá se debruçar – única personagem do romance que se fará presente nesta análise – está localizado na segunda parte do livro, Carne Viva. Em que o autor nos fala da história de vida da personagem. Foi utilizado apenas esse fragmento do livro para traçar essa análise proposta. Bem como, a partir da contextualização supracitada dos conceitos psicanalíticos, parte-se para as informações do romance que serão usadas nesta análise.

A personagem Lavínia é uma figura central no romance, e o que trataremos a partir daqui como caso clínico, é como sua história de vida é marcada por elementos que podem ser relacionados aos conceitos de angústia em psicanálise.

## **Lavínia**

### **Infância e desenvolvimento**

O agora situado segundo momento do romance, neste ato, tem sua abertura expondo que “Lavínia não passava de um fardo de seis semanas na barriga da mãe quando seu pai foi embora de casa” e com isso já caracteriza o pai da personagem: “um homem truculento, ignorante, dado ao desemprego e à cachaça. Na verdade, o gosto pelo álcool era sua afinidade com a mulher.”. (Aquino, 2005, p. 117). O narrador continua, citando a percepção tida sob Lavínia desde seu nascimento: “E não se pode dizer que o nascimento de Lavínia tenha alegrado a mãe: um aborto chegou a ser cogitado e afinal quase induzido por um pontapé na derradeira escaramuça com o marido. A única na família que ficou feliz com o surgimento de mais uma boca para comer — já existiam dois meninos, de pais diferentes — foi a avó, que vivia como agregada na casa. Nos primeiros anos, a velha funcionou como um refúgio sereno para a neta diante das trepidações cotidianas e da indisfarçável rejeição materna. Foi a pessoa que Lavínia mais amou na vida e de quem mais sentia falta.”. (p. 117).

Em *O futuro de uma ilusão* (1927), Freud escreve que

[...] como já sabemos, a impressão terrificante de desamparo na infância despertou a necessidade de proteção – de proteção através do amor [...]; o reconhecimento de que esse desamparo perdura através de toda a vida [...].

Podemos perceber essa ausência de proteção da qual Freud descreve, em outro trecho do livro, quando se fala que Lavínia acabou por largar a escola devido ao interesse que os homens mais velhos agora demonstraram por ela, inclusive um professor seu: “(...) serviu apenas para reforçar a decisão de largar os estudos, virou uma desculpa se alguém

perguntasse por que não ia mais à escola. Mas quem perguntou? (...) O dualismo tornou o comportamento de Lavínia errático. Ela parou de ir à escola — e ninguém em casa pareceu notar. A mãe e seu companheiro se consumiam e se bastavam um ao outro — desde que houvesse bebida. (...) Ninguém viu brotar a flor esplêndida. Metade branca, metade sombria.” (p. 120).

No livro, é indicado que Lavínia, na infância, passava a maior parte do tempo com a avó — a única que se alegrou com seu nascimento; posteriormente, com a morte da mesma, era a pessoa que Lavínia mais amou e de quem mais sentia falta. Ainda sobre sua infância, com o que o livro nos fornece, “(...) Foram tempos difíceis, de muita pobreza, de fome e humilhação. Lavínia sintetizava as lembranças dessa época numa cena: ela em companhia da avó na fila de mantimentos do serviço social, morrendo de vergonha dos conhecidos que passavam.”. (p. 117-118). A avó constituiu-se a figura materna de Lavínia, que investiu subjetivamente na constituição do sujeito.

É possível inferir algumas considerações sobre essas informações. Ainda como criança, Lavínia se mostrava resistente, nascendo em um contexto problemático do qual não era desejada, e com apenas uma pessoa que lhe dava atenção ou amparo desejáveis ou suficientes, vivenciando o negligenciamento ou indiferença, dispondo apenas de sua avó.

Tornando-se isolada, assustava indiretamente os garotos de sua idade, dos quais evitavam seu contato; descobriu os afetos apenas através de sua avó, e a partir de figuras paternas mais deslocadas e problemáticas, fontes também de suas principais angústias subsistentes vivenciadas. Seu crescimento é permeado pelo desamparo, como será situado também mais à frente.

Sob essa deixa, Freud (1926) associa o desamparo biológico e psicológico, pois para ele, a mãe originalmente satisfaz

“[...] todas as necessidades do feto através do aparelho do próprio corpo dela, assim agora, após o nascimento daquele, ela continua a fazê-lo, embora parcialmente por outros meios” (Freud, 1926, p. 162).

Ainda no texto Inibições (1926), Freud afirma que “[...] o perigo do desamparo psíquico é apropriado ao perigo quando o ego do indivíduo é imaturo” (Freud, 1926, p. 166). Afirmando também que, do desamparo mental da criança, se faz a ansiedade, o qual constitui-se semelhante ao estado de desamparo biológico.

No Vocabulário da psicanálise, de Laplanche & Pontalis, desamparo se é definido nos seguintes termos:

[...] estado do lactente que, dependendo inteiramente do outrem para a satisfação das suas necessidades (sede, fome), se revela impotente para realizar a ação específica adequada para pôr fim à tensão interna (Laplanche & Pontalis, 1988, p. 156).

Não se fez suficiente apenas essa visão para com a criança-adolescente Lavínia, mas a negligência é vista em outros contextos e em todo o seu crescimento e constituição, sendo fonte significativa de angústia, da qual, se percebe, a personagem passou a incorporar. Remetendo à Freud, as experiências de base, de satisfação ou de frustração das necessidades do sujeito ainda bebê, registra sensações e percepções que, submersas a um nível ainda inconsciente, constituem na pele, na memória, sendo determinantes e decisório para as inúmeras relações de conduta posteriores desse sujeito. (Freud, 1895).

## **Sexualidade e negligência**

Tendo agora um maior escopo sobre a adolescência de Lavínia, segue-se: “(...) Nem tinha ainda menstruado direito e homens a olhavam com apetite nas ruas. Às vezes, ela os provocava. Um impulso que não conseguia dominar. Em alguns dias, já acordava com vontade de pôr roupas mais justas ou mais curtas, de se maquiar. E de açular a imaginação deles com poses e olhares que, mesmo analisados sem malícia, podiam ser descritos como tudo, menos como inocentes. Seus dias de lolita. Dias em que gostava de saber que era cobiçada, mesmo por gente abrutalhada, que não respeitava. (...)” (p. 119). “Os garotos da sua idade mantinham distância, ficavam pouco à vontade com ela por perto, pareciam temê-la” (p. 119).

Essa intencionalidade nos comportamentos de Lavínia, a caracterizava como diferente das meninas de sua idade, atraindo os olhares de homens mais velhos, e com isso, devia assustar os garotos de sua idade, dos quais não reconheciam nela uma semelhante, com padrões próprios à sua idade. Mas sim, uma já mulher, com sexualidade exacerbada, precocemente.

Aquino ainda cita que, esse período eram os seus dias de lolita para Lavínia, essa palavra sendo referencial para o derradeiro livro do autor Vladimir Nabokov, *Lolita* (1955). No livro citado, "Lolita" é especificamente o apelido de Humbert para Dolores, esse personagem desenvolve uma obsessão sexual por ela, que se caracteriza uma personagem feminina ainda muito jovem. Essa palavra do livro, contemporaneamente, inspirou um cunho de outro termo: “ninfeta”, para se referir a uma jovem menina, tendo apenas recentemente alcançado a idade de consentimento, ou que aparenta ser mais jovem do que a idade de consentimento.

Além disso, serve para definir uma menina que possuiria não somente a sensualidade de uma mulher mais experiente, mas também a própria delicadeza de sua idade jovem. Como

podemos observar com essa intencionalidade dos trechos apresentados, Aquino também nos dá essa informação para talvez inferir a idade de Lavínia, ao situar Lolita: 12 (doze) anos.

Concomitante a esses comportamentos, como falado no início desse trabalho, havia dualidades em Lavínia, apreendidos desde a infância: “(...) e havia os dias em que Lavínia se transformava numa garotinha assustada com o mundo e se excluía num canto, encolhida feito ostra, enquanto esperava dissipar a tormenta interior. Precisava de atenção. Numa família funcional, seria levada a um médico. Mas aquele tipo de gente só se encontrava com médicos em caso de autópsia”. (p. 119-120).

Foi criada sem um mínimo cuidado, atenção e proteção, vivendo em um estado de negligência. Bowlby (1988), traz que a negligência acontece quando as relações de cuidado são inexistentes ou inadequadas, que essa ausência do cuidado materno pode ocorrer mesmo quando não houve uma separação física propriamente dita, mas uma ausência dos afetos, em oscilação ou rejeição, como se caracteriza o caso da personagem.

A negligência dada à Lavínia, por sua mãe, até em episódios extremos, como os abusos subsequentes: “(...) tentou abordar a mãe, inacessível dentro de uma nuvem verde de ressaca. Lavínia insistiu em conversar, quis mostrar o arranhão no pescoço. Acabou ouvindo: ‘Por que você não arranja um homem e deixa o meu em paz, hein?’.” (p. 122).

A primeira cena de abuso testemunhada no livro, conta que o padrasto de Lavínia se masturbou, despindo seu corpo, e a impedindo de se levantar, com ameaça de machucá-la caso tentasse gritar. Lavínia então “(...) não se mexeu por um bom tempo depois que o padrasto saiu do quarto. Seu corpo inteiro tremia de nojo e ódio. Mais ódio que nojo.

Lavínia levantou-se e tomou um dos banhos mais prolongados de sua vida, que não bastou para livrá-la do cheiro de bicho que a impregnava. Ela esfregou-se, frenética, até que uma convulsão curvou seu corpo para a frente. Quando os espasmos cessaram, chorou durante meia hora.” (p. 121-122).

Esses episódios continuaram, tornando-se frequentes, “Um dia, perguntou se ela não precisava de nada; em outro, trouxe um presente ao voltar do trabalho. (...) Então o padrasto resolveu incluir as madrugadas em seus instantes de atenção à enteada. (p. 121).

Na derradeira passagem ao ato<sup>7</sup>, o padrasto de Lavínia apareceu sem seu quarto, mais bêbado que de hábito. E mais violento. Possuído. Arrancou as roupas dela, espancou-a quando ela mordeu seu braço, e a teve na marra. Violou-a. Foi rápido, como sempre. Ele entrou, resfolegou e saiu. Nem chegou a suar. Lavínia nem percebeu com exatidão como aconteceu. Não fosse por uma pequena dor, quase um ardor, e pelo fluido que escorreu entre suas pernas, poderia dizer que nada sentiu em seu defloramento. (...) com poucos dentes e bafo de pinga, com mãos grossas como lixa, que mal assinava o nome. Seu primeiro homem. Assim que as coisas são”. (p. 123-124).

A violência sexual descrita, deflagra o poder exercido pelo agente mais forte da equação, seu padrasto, o qual deveria se constituir como uma uma figura de proteção, para com o lado mais frágil, Lavínia. Bem como, tem-se o uso perverso dessa sexualidade, através do ato desse um se apoderar do corpo do outro, usando-o segundo seu desejo. Essa violência não difere da natureza da maioria dos casos que se fazem conhecidos: a cultura do silêncio na família se perpetua, sendo escolhida e/ou negligenciada, onde o abuso sequer é descoberto, mesmo em gerações posteriores (Araújo, 2002).

Em Freud (1924) no período da infância, fantasias de cunho agressivo ou sexuais, têm o seu natural caminho sendo o desemboque ao recalque, sendo resolvidas no processo do Complexo de Édipo, e que a eventual concretização desses desejos-fantasias, resultaria numa experiência não prazerosa, de angústia, deixando para trás o sentimento de não-independência, devida a incapacidade de reagir ao evento traumático de forma adequada.

Autores como Pfeiffer & Salvagni (2005), trazem que o fenômeno do abuso e

---

<sup>7</sup> A passagem ao ato, em seus termos, diz respeito a uma transgressão de limites – externo ou interno. O sujeito visa separar-se do Outro, sem uma simbolização desse mesmo; um rompimento com laços também sociais, e sendo ruidosa e violenta em suas manifestações (Ruthres & Lustoza, 2018).

violência sexual, suscita na vítima a predisposição à repetição do ciclo de violência ao qual foi exposta, devido ao transtorno e efeitos patológicos duradouros que provocam na organização psíquica. É inferível que a violência sexual da qual Lavínia experienciou, tenha despertado precocemente a sua sexualidade, sendo um conflito psicossocial, de negligência e desamparo, frente à dinâmica familiar apresentada.

### **Dinâmica familiar, transformação a partir das vivências**

Anterior ao episódio de abuso, há uma cena em que Lavínia, numa das visitas noturnas do padrasto, muda o roteiro já prescrito dessas visitas. Puxa-o em direção a ela, às suas pernas; por conseguinte, recebe uma bofetada e um xingamento do padrasto. Esse episódio serviu para interromper as visitas noturnas momentaneamente, “(...) e Lavínia, que já era olhada com desprezo pela mãe, passou também a ser encarada com rancor pelo padrasto, sempre que compartilhava algum cômodo da casa com os dois. Um ambiente pouco saudável para uma adolescente cindida em duas”. (p.123).

Ainda sobre a dinâmica familiar; Lavínia, seus irmãos, sua mãe e o padrasto: “(...) no começo, os irmãos conviveram em paz com o padrasto, (...) que botou comida na mesa e por isso mereceu o respeito deles. Autoritário, exigia o tratamento de ‘senhor’. E se podia ser censurado pela avareza nos afetos e negligência nas atenções, ao menos não pegava no pé de ninguém, (...) ele passava a maior parte do tempo vendo televisão na sala ou trancado no quarto com a mulher.” (p.118).

O narrador relata que sua mãe e o padrasto se gostavam, “(...) se amavam de um jeito meio brusco mas intenso”, (p. 118) da dinâmica amoroso ali vivenciada, o álcool que fez essa relação ser nociva e mais tarde violenta, expondo: “Trepavam e bebiam e discutiam e se ofendiam, tudo em excesso. (...) Não demorou e começaram a se empurrar e, em seguida, a se estapear sem muita cerimônia. (...) Quanto a isso, Lavínia não entendia por que a mãe aturava

aquilo, mas intuía que tinha a ver com as escandalosas reconciliações que os dois promoviam no quarto” (p. 119).

Lavínia passou por um momento de lassidão e que, assim como seus irmãos, que viviam mais na rua do que em casa, também passou a fazer uso de drogas. Exemplificando esse estado com a época em que seu irmão mais velho morreu: envolvido com roubo de cargas, acabou sendo morto pela polícia.

“(…) A mãe e o padrasto tiveram de pagar o enterro, e isso os abateu mais do que a morte dele. A verdade é que ninguém naquela casa ficou mais triste do que já estava, Lavínia nem sequer foi ao cemitério.” (p. 122-123). Passou a aderir com fervor esses comportamentos, fazendo desse uso, um apoio para suportar o que acontecia à sua volta.

Posteriormente, Lavínia, já em outra cidade, conheceu outras meninas de sua idade, aprendeu a roubar, vivia drogada ao ponto de não se lembrar onde teria dormido na noite anterior, aprendeu a bater e apanhar, fugir da polícia, e começou a beber assim como sua mãe. Aproximou-se de uma “galera barra pesada”, onde consumia crack, pedia esmola, e bebia água da sarjeta. Um dia, foi recolhida por assistentes sociais da cidade, e uma vez estando desintoxicada, fugia, pois seu vício se exacerbava. “(…) e virou mulher. Talvez o mais correto seria dizer mulheres. Porque ela era sempre duas. Opostas.”. (p. 124).

Em uma das vezes que passou recolhida, pôde descobrir a fotografia, em um dos cursos em que pôde participar e se apaixonou por isso. Posteriormente, aos dezoito anos, entrou num projeto de reintegração social, onde conseguiu um emprego como auxiliar numa loja de ferragens, com o dinheiro comprou uma câmera fotográfica, e andava por aí, fotografando a esmo.

Ainda nessa época, passou a ter uma fantasia peculiar: “(…) escolhia um homem entre os transeuntes, ao acaso, e passava a segui-lo pelas ruas até onde fosse possível. Brincava de imaginar que podia ser seu pai. Ela dava preferência a homens mais velhos e, sem que

percebessem, chegava a fotografá-los. Lavínia não tinha como saber, mas seu pai já estava morto e enterrado havia anos.” (p. 125-126).

Esse costume lhe rendeu um convite, que virou um relacionamento, um caso – pois estava se relacionando com um homem casado, de seus cinquenta anos de idade. Não muito tempo depois de começarem a se relacionar, passou a sustentá-la, fazendo Lavínia abandonar o emprego. “(...) Lavínia gostava de Alfredo, mas é complicado afirmar que o amou. Criada num ambiente rarefeito de afetos, tinha dificuldade na hora de identificar e nomear suas emoções com precisão”. (p. 127).

Encabeçou, mesmo sem perceber, a reproduzir os comportamentos que sua mãe tinha com o seu padrasto: havendo brigas escandalosas e com violência, geralmente em público, entre ela e Alfredo, se reconciliavam na cama, e Lavínia passou a reincidir em usar drogas junto com ele. Não durou muito, Alfredo deixou Lavínia “(...) por razões familiares” (p. 130), e indo morar numa pensão, “(...) Uma de suas companheiras de quarto fazia programas em boates e ela entrou nessa quando a situação apertou, e até precisou se desfazer de sua amada câmera. Lavínia gastava muito dinheiro com drogas.”. (p. 130).

Há aqui, sob esses relatos, um elemento do qual se pode considerar permeador dessa temática em questão: a repetição – situada na adição às drogas, sexo, e sobre os comportamentos maternos e familiares apreendidos, vivenciados sendo ainda criança.

O que se repete, é a falta a ser, que não é relativo a um objeto primordial, mas está na mesma na origem da experiência do desejo, é uma condição de possibilidade desta última, que atua para perpetrar o funcionamento do simbólico, dimensão esta que nos marca, nos nomeia e nos reconhece na condição de sujeitos falantes, e que assim sendo, nos leva a verificar algo de larga envergadura clínica.

Essa falta a ser, possibilita a reconexão aos objetos, através do desejo, força-motor; a impossibilidade de significar o desejo, de fazer dele algo que sempre retorna como furo

não-significante.

O furo se apresenta como algo enigmático relacionado ao sentido, enquanto o efeito de sentido está ligado à palavra, permanecendo na fronteira entre o imaginário e o simbólico, o furo de uma ordem diferente ao sentido, é o vazio no sentido e vem situar-se entre o simbólico e o real.<sup>8</sup>

O que se tem como resposta com Lavínia, é que a repetição já advém de fontes do recalcado para essa forma manifesta, onde se poderá citar seus comportamentos patológicos. Lavínia repete a mãe, num identificação da posição subjetiva de rejeição, remetendo-nos ao Objeto a.

Freud, em *O Mal estar na civilização* (1930), já apontava que os sujeitos recorrem à droga como um "amortecedor de preocupações", pois atua, como um tipo de resposta a um momento da castração, da angústia; ao invés de haver o caminho da formação do sintoma, percorre-se o caminho mais rápido. Um recurso através do qual o sujeito busca regular a satisfação. Trata-se do lugar da função que a droga pode ocupar para esse sujeito. Um curto-circuito o gozo, não se referindo a um prazer, mas sim a um mal para o sujeito, exatamente por implicar em sua destruição.

A adição sexual situada aqui, não é permeada pelo desejo, mas no modo subjetivo de analogia aos sentimentos de angústia, solidão e desamparo, que estão postos a serem camuflados. Busca-se uma anestesia, uma solução momentânea e fadada ao fracasso, em uma simulação de um estado da qual não pôde sentir: o amparo e cuidado. Não apenas por ter tornado-se prostituta, mas também em um relacionamento outrora, momentaneamente estável: “(...) Podia não amá-lo, mas sentia-se amada, o que é bom (...)”. (p. 127).

Outrossim, a família de Lavínia propiciou um ambiente da transmissão de conteúdos familiares, a saber: a aprendizagem de comportamentos por observação apresentada; a

---

<sup>8</sup> Num contexto clínico, o sujeito dá voltas tentando articular o que parece estar em questão, sem conseguir apontar para tal.

comunicação verbal; os valores e expectativas da família; o silenciamento de conteúdos psíquicos; os padrões de interações entre os membros da família. É possível inferir a existência de continuidades dessa herança familiar, agora tão intrinsecamente absorvidos, seja no sentido da repetição em si, quanto no da transformação de Lavínia, de modo que o seu desenvolvimento individual foi entrecruzado com essas vivências.

Por fim, infere-se algumas últimas palavras. Foi a partir da aquisição precoce e atravessamento de saberes próprios de uma maturidade ainda pertencente somente aos adultos, bem como as formas que lhe foram impostas de lidar com a angústia, requeridas à Lavínia, portanto que, um profundo e elevado valor – o da negligência, desamparo e própria angústia, de afetar e de ser afetado pelo outro, se fez harmonizar com a impossibilidade de expressão dos afetos de amor, injustiça, de raiva, silenciamento, violência, medo e culpa. Fez-se então, um modo singular de viver.

### **Considerações finais**

O exposto trabalho situou-se no compromisso ético-político da psicanálise, de se atentar ao indivíduo e a sociedade, no caso-a-caso, do qual aspira ter servido de muitas contribuições. Espera-se que através deste, seja possível se suscitar outros trabalhos com a mesma temática: literatura e psicanálise, sendo possível a apreensão da teoria psicanalítica através de escritos literários – únicos. Freud ao aproximar a literatura, e a arte em geral, os convoca e faz para dizer aquilo que a psicanálise ainda não alcançou. Trata-se de: “encontrar as palavras para muita coisa que permanece muda em mim.” (Gay apud Freud, 1989, p.58).

Essa compreensão de caso clínico, possível através da literatura, assinala uma história, escrita com realidade e perspicácia do autor, do qual nos sinaliza para um cenário ali contido.

O caso Lavínia não advém isoladamente de uma realidade distante ou fictícia, pertencente apenas ao mundo literário, mas de uma situação, da qual se é muito provável ser

confrontado no exercício clínico – sendo possível de ser visualizado através de todos os outros fenômenos supracitados atravessados pela angústia, mobilizador da clínica psicanalítica.

A negligência infantil, vulnerabilidade social, o abuso sexual, a transformação do sujeito a partir dessas vivências, suas percepções, tudo isso está inserido num montante de possibilidades de reações que são intermináveis, não palpáveis para simbolização ou dimensionamento. Assim como Freud faz, citando e situando a arte e literatura, é possível aprender com a literatura e sobre literatura – nesse exercício de retomada a produções literárias e à arte – e aprender com a psicanálise e sobre a psicanálise, através dos escritos.

## Referências

- American Psychiatric Association. (2014). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. Ed. Porto Alegre: Artmed.
- André, J. (2001). Entre angústia e desamparo. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 4(2), 95- 109.
- Aquino, M. (2005). *Eu Receberia as Piores Notícias dos Seus Lindos Lábios*. 3ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras.
- Araújo, M. F. (2002). Violência e abuso sexual na família. *Psicologia em Estudo*, 7(2), 3-11.
- Assoun, P. L. (1983). *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago.
- Besset, et al. (1999). A fobia e o pânico em suas relações com a angústia. *Psic.: Teor. e Pesq. Brasília*, v. 15, n.2.
- Besset, et al. (2007). A psicanálise na cultura: novas formas de intervenção. *Psicol. rev.*, v. 13, n.1, p. 27-40.
- Bowlby, J. (1988). *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo. Tradução de Martins Fontes.
- Breuer, J., Freud, S. (1893-1895/1977). *Estudos sobre a Histeria*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.
- Brezolin, R., Carneiro, N. G. (2022). Contribuições da Abordagem Psicanalítica nas Práticas em Saúde no Núcleo Ampliado de Saúde da Família (Nasf). *Psicologia: Ciência E Profissão*, 42, e234671.
- Caropreso, F., Aguiar, M. B. (2015). O conceito de angústia na teoria freudiana inicial. *Natureza humana*, 17(1), 1-14.
- Castilho, P. T. (2007). Uma discussão sobre a angústia em Jacques Lacan: um contraponto com Freud. *Revista Do Departamento De Psicologia*. UFF, 19(2), 325–337.
- Costa, V. A. S. F., Queiroz, E. F. (2011). Transtorno de pânico: uma manifestação clínica do desamparo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(3), 444-456.
- Dalcol, D. M. L., Palma, C. M. de S. (2011). Angústia e sexualidade: a descoberta freudiana. *Tempo psicanal*. Rio de Janeiro, v.43, n.2.
- Dantas, et al. (2009). A patologização da angústia no mundo contemporâneo. *Arq. bras. psicol.* Rio de Janeiro, v.61, n.2.
- Dunker, C.I.L. (2006). A angústia e as paixões da alma. In Leite, N. V. de A. (Org.) *Corpolinguagem - Angústia: o afeto que não engana*.

- Franco JR, A. (2003). Operadores de leitura da narrativa. In: Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. p. 33-56.
- Freud, S. (1895/1980a). Projeto para uma psicologia científica. Em Obras Completas: vol. I.
- Freud, S. (1905/1996) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 7.
- Freud, S. (1919/1996). Linhas de progresso na terapia psicanalítica. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.
- Freud, S. (1926/1975). Inhibitions, Symptoms and anxiety. In S. Freud, The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud.
- Freud, S. (1926/2014). Inibição, sintoma e angústia. In: “Inibição, sintoma e angústia”, “O futuro de uma ilusão” e outros textos.
- Freud, S. (1930). O mal-estar na civilização. In O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos.
- Freud, S. (1993b/1996). Conferência XXXII: Angústia e vida pulsional. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.
- Gay, P. (1989). Freud. Uma vida para o nosso tempo.
- Guedes, D. F. P. (2010). Uma introdução ao conceito de objeto A. Psicanálise & Barroco em revista.
- Lacan, J. (1962-1963/2005) O seminário, livro 10: a angústia. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller.
- Laplanche, J., Pontalis, J. B. (2001). Vocabulário de psicanálise.
- Levy, R. (2004). Não sem angústia. Estilos clínicos.
- Lourenço, L. C. d'A. (2009). A pulsão de morte e a gênese da angústia.
- Lustoza, R. Z. (2006). A angústia como sinal do desejo do Outro.
- Machado, I. D., Ravanello, T. (2014). O conceito de angústia e suas relações com a linguagem. Revista Subjetividades.
- Martinhago, F., Caponi, S. (2019). Controvérsias sobre o uso do DSM para diagnósticos de transtornos mentais.
- Nabokov, V. Lolita (1955). Tradução de Jorio Dauster.

Pisetta, M. A. A. de M. (2008a). Angústia e demanda de análise: reflexões sobre a psicanálise no hospital.

Pfeiffer, L., Salvagni, E. P. (2005) Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. *Jornal de Pediatria. Sociedade Brasileira de Pediatria.*

Vasconcelos, A. C. P., Pena, B. F. (2019). Angústia: o afeto que não engana. *Reverso*, 41(78), 27-33. Disponível em:  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952019000200003&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952019000200003&lng=pt&tlng=pt).

Viola, D. T. D., Vorcaro, A. M. R. A. (2011). A verdade e o engodo do desejo na leitura do seminário a angústia de Jacques Lacan.